

A INFORMATIVIDADE E A INTENCIONALIDADE NAS CARTAS JESUÍTICAS

Almir Grigorio DOS SANTOS¹
Doutorando em Língua Portuguesa/PUC-SP

RESUMO

O artigo trata da informatividade e a intencionalidade, tendo como orientação o questionamento acerca da existência desses dois princípios de textualidade nas cartas jesuíticas. Objetiva analisar a existência de indícios de informatividade e intencionalidade nas correspondências jesuíticas. A base teórica ampara-se em Fávero (1985) e em Koch (2004). Como procedimentos metodológicos, analisamos o *corpus*, selecionado a partir das cartas de José de Anchieta, cujos resultados mostram os elementos e as estratégias de informatividade e intencionalidade nas cartas jesuíticas.

Palavras-chave: Informatividade. Intencionalidade. Cartas jesuíticas.

Considerações iniciais

O objetivo do artigo é o de apresentar a informatividade e a intencionalidade nas cartas jesuíticas, em particular, nas cartas escritas pelo padre José de Anchieta. Nelas, verificamos uma quantidade enorme desses princípios de textualidade presentes nas correspondências jesuíticas escritas no século XVI.

A informatividade, de acordo com Koch (2004, p. 41), “diz respeito, por um lado, à distribuição da informação no texto, e, por outro lado, ao grau de previsibilidade/redundância com que a informação nele contida é veiculada”. A intencionalidade, para Fávero (1985, p. 20), no sentido estrito, “é a intenção do locutor de produzir uma manifestação linguística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize em sua totalidade, especialmente na conversação usual”. Por meio desses estudos, pode-se verificar como ocorre a informatividade e a intencionalidade nos textos, em particular, nas cartas escritas pelos padres da companhia de Jesus que viveram no Brasil no século XVI.

¹ Endereço eletrônico: almir_grigorio@hotmail.com

Na maioria dos textos escritos, há informação e intenção, além de outros fatores de textualidade, ou seja, o escritor produz um texto com uma determinada intenção e espera que ela seja apreendida pelo público-leitor, o mesmo acontece com o grau de informatividade contido nos textos, visto que o autor também espera que o público-leitor apreenda as informações presentes no texto. Esses princípios de textualidade são percebidos no *corpus* selecionado para realizarmos nossa análise.

Na próxima seção, algumas considerações sobre a Companhia de Jesus e a Carta Jesuítica; na sequência, a análise.

A Companhia de Jesus e a Carta Jesuítica

A Companhia de Jesus foi fundada em 15 de agosto de 1534, pelo padre Inácio de Loiola, com o objetivo de converter os infiéis e propagar a fé católica no mundo, junto ao povo. Os Jesuítas foram homens que trocaram a vida com seus familiares para realizarem um propósito missionário: propagar a fé e instituir um local de ensino em cada lugar a que chegassem. Eles não tinham um conhecimento sobre o tipo de pessoas que encontrariam em suas missões e como seriam recebidos por esses povos, mas que desde cedo afirmaram a vocação para fazer parte da Companhia de Jesus, sendo chamados também de “Soldados de Cristo”. (EISENBERG, 2000, p. 36)

No século XVI, segundo Eisenberg (2000, p. 47), o meio de comunicação utilizado pelos Jesuítas era a carta. Nelas, os padres relatavam o andamento das missões, o que estavam fazendo, desenvolvendo, como tinham sido recebidos pelos povos, como era o convívio com o gentio e faziam solicitações. Nesse período, a carta era o único meio de comunicação e servia também para manter a união entre os padres que estavam na missão e os que não estavam.

Para ser aceito na Companhia de Jesus, era necessário que fosse homem letrado, ou seja, era necessário saber escrever e faziam isso várias vezes ao dia, com o intuito de registrar todos os detalhes e não deixar nada passar despercebido. As cartas eram endereçadas a Portugal e Roma.

Nesse sentido, Hansen (1995) afirma que

a correspondência Jesuítica do século XVI é inicialmente articulada como informação em uma “carta familiar”, ou como relação dialógica de um destinador que envia informações a um destinatário, constituindo-se ambos, na escrita, como “amigos” e “Irmãos em Cristo” – por exemplo, Nóbrega e seu ex-colega Simão Rodrigues, em Lisboa, ou seu professor, o Dr. Aspicuelta Navarro, em Coimbra. Por vezes a relação dialógica de membros da Companhia de Jesus no Brasil com os superiores da Ordem em Roma – por exemplo, Inácio de Loiola ou o Pe. Polanco – tem caráter explicitamente “negocial”, quando se expõem ou discutem medidas administrativas e doutrinárias que envolvem a ação evangelizadora. (HANSEN, 1995, p. 90)

Dessa maneira, nas cartas jesuíticas, encontramos muitas informações sobre os conteúdos ensinados aos índios, o ensino dos meninos, as dificuldades para ensinar, a importância de ensinar às crianças e não aos adultos, a construção e manutenção das escolas, a evasão escolar, além de outras informações sobre a terra, os comportamentos indígenas e sobre as diversas espécies de animais existentes aqui. Por isso, as informações contidas nas correspondências eram muito valiosas para a continuidade das missões.

Outra informação relevante que devemos considerar é que as cartas sofreram censura. Muitas delas nem foram publicadas, e as que o foram também passaram por manipulação da própria Companhia de Jesus. A censura já existia quando as cartas eram enviadas para a Europa. Nesse ponto, vale destacarmos o que enfatiza Leite (1954, p. 56): “Esta correspondência, tanto ativa como passiva, era animada sempre pelos padres Gerais”.

Além disso, salientamos que algumas cartas eram escritas com o intuito explícito de serem lidas por um público amplo, e outras destinadas a pessoas específicas, o que criou a necessidade adicional de controlar a informação que era tornada pública. Em 1541, Inácio de Loyola instituiu a *bijuela*: uma folha separada onde eram anotados os problemas institucionais. A partir desse período, os jesuítas escreviam dois tipos de cartas: uma narrando somente as notícias edificantes de suas missões e outra somente para os problemas institucionais. A metade das mais de seiscentas cartas escritas no período são *bijuelas*; a outra metade, composta por cartas que poderiam circular fora da ordem, ficaram conhecidas como *cartas* (ou *relatos*) *edificantes*, conforme Eisenberg (2000, p. 51).

Podemos afirmar, também, que a união entre os padres da Companhia de Jesus se fazia por conta das cartas, pois elas corriam o mundo para informar, manter a unidade da companhia, compartilhar a fé, atualizar a missão apostólica e quanto mais bem feita mais fazia com que escritor e leitor aumentassem sua fé, ou seja, eram contaminados pelo mesmo fervor de fé.

Nesse sentido, dependendo do remetente, o autor da carta muda a sua forma de saudação e de fechamento, ou melhor, de despedida. Ou seja, se a carta tiver sido escrita para um padre da companhia, a escrita será de uma maneira; se para outra pessoa de hierarquia superior, o comportamento é outro, diferente, mostrando respeito, reverência e humildade, como indica Hansen (1995):

A carta formaliza o destinador e o destinatário segundo suas adequações hierárquicas da Companhia e do Império, observando-se nela a permanência de três decoros das antigas *Ars Dictaminis*: dirigida ao superior, não pode ser jocosa; ao igual, não pode ser descortês; ao inferior, não pode ser orgulhosa. (HANSEN, 1995, p. 93)

Podemos verificar, para além, que a quantidade de temas abordados nas cartas é muito grande, uma vez que pretende fazer com que seus leitores saibam de tudo o que acontece na missão. Apesar da distância das missões, a leitura das cartas dava um novo ânimo à missão e aos missionários, a carta era um meio pelo qual os missionários encontravam para fortalecerem sua fé. Assim, para atingir seus leitores de maneira eficaz, a correspondência jesuítica tinha uma estrutura que deveria ser seguida à risca por seus autores, como mostra Pécora (2001):

As cartas trocadas no novo mundo vão, por assim dizer, construindo o caminho que, depois, anacronicamente, pensamos existir antes ou independente da andança delas. Em qualquer caso, as composições admitem cinco partes fundamentais: *Salutatio* (que é expressão de cortesia, manifestação de um sentimento amistoso em relação ao destinatário, independente do nível social); *Benevolentiae Captatio* (que é uma certa ordenação das palavras para influir com eficácia na mente do receptor); *Narratio* (que é o informe da matéria em discussão, podendo ser simples – assunto único – ou complexa – várias matérias; referir o passado, o presente ou o futuro); *Petitio* (que é o discurso pelo qual tratamos de dizer algo, sendo que as petições são de nove espécies: *suplicatória*, *didática*, *cominativa*, *exortativa*,

incitativa, admonitória, de conselho autorizado, reprovativa e direta); e *Conclusio* (que é a parte onde se resumem as vantagens e desvantagens dos temas tratados para que fiquem impressos na memória do destinatário. (PÉCORA, 2001, p. 18-20)

A informatividade e a intencionalidade

Todo texto transmite alguma informação que é possível ser extraída. Não existe texto sem informação. Há informações que são esperadas e informações que não são esperadas, ou seja, são as informações inusitadas, quanto mais inusitado for o texto, maior será seu grau de informatividade, mas poderá fazer com que o leitor deixe-o de lado devido a sua complexidade. Nesse aspecto, cumpre-nos esclarecer que, segundo Marcuschi (2008, p. 132), a informatividade diz respeito

ao grau de expectativa ou falta de expectativa, de conhecimento ou desconhecimento e mesmo incerteza do texto oferecido. A informação é um tipo de conteúdo apresentado ao leitor/ouvinte, mas não é algo óbvio. (MARCUSCHI, 2008, p. 132)

Fávero (1985, p. 13) conceitua-a como um termo que

designa em que medida os materiais linguísticos apresentados no texto são esperados/não esperados, conhecidos/não conhecidos da parte dos receptores. A informatividade exerce um importante controle na seleção e arranjo de alternativas do texto. (FÁVERO, 1985, p. 13)

Sendo assim, é possível inferirmos que, nos textos, sejam de quaisquer ordens, haverá sempre as informações previsíveis e as imprevisíveis, tendo a escolha e a ordenação das informações uma dependência sempre do autor, visto que, por meio das escolhas linguísticas feitas por ele, a direção será indicada para que o leitor também o faça, a fim de se construir o sentido.

É importante também trazer o conceito de Koch (2004, p. 41), para quem “a informatividade diz respeito, por um lado, à distribuição da informação no texto, e, por outro lado, ao grau de previsibilidade/redundância com que a informação nele contida é veiculada”.

De outra maneira, afirmamos, com base em Fávero (1985), que existem três ordens da informatividade, além de cinco fatores que atuam como fontes de expectativas. A autora traz:

1 – Primeira ordem de informatividade: Grau máximo de previsibilidade, estão presentes em todos os textos, por exemplo as placas de trânsito. As palavras funcionais (artigo, preposição e conjunção) não são simplesmente sinais de relação, permitem a antevisão da informação ou mesmo a recuperação dela. As palavras de conteúdo seriam mais informativas, a escolha é maior, podendo ativar diversos materiais cognitivos e produzir mais emoções e imagens mentais. (FÁVERO, 1985, p. 14)

2 – Segunda ordem de informatividade: Grau mais baixo de previsibilidade com a presença de uma comunicação padrão normal. (FÁVERO, 1985, p. 15)

3 – Terceira ordem de informatividade: situações em que predominam as imprevisibilidades, as quebras de padrão, as irregularidades. (FÁVERO, 1985, p. 16)

Em relação à terceira ordem, destacamos que Fávero (1985, p. 16) afirma serem tipos comuns a descontinuidade – quando a ocorrência parece apresentar falhas de configuração – e as discrepâncias – quando o modelo do texto apresentado não condiz com o conhecimento armazenado. Isso é fundamental em nossa análise, posto que são ocorrências que parecem estar fora do conjunto das mais ou menos prováveis ocorrências, são infrequentes, requerem muita atenção e recursos de processamento, mas são mais interessantes (FÁVERO, 1985, p. 16).

Para os cinco fatores que atuam como fontes de expectativas, Fávero (1985) explicita:

1. O mundo real e seus fatos: o modelo social da condição humana e do meio ambiente. (FÁVERO, 1985, p. 17)

2. Organização da linguagem no texto – as convenções formais: numa língua muitas convenções para o arranjo de formas são arbitrárias e levam os falantes a considerar certas combinações de sons impronunciáveis porque inexistentes. (FÁVERO, 1985, p. 18)

3. Técnicas de arranjos de sequências, de acordo com a informatividade: elementos altamente informativos aparecem no fim da oração e elementos de baixa informatividade aparecem no início da

oração, mantendo a manutenção de um ponto de orientação bastante claro e da informatividade num nível razoavelmente alto. (FÁVERO, 1985, p. 18-19)

4. Tipos de textos: são estruturas globais que controlam o leque de opções a serem utilizadas. (FÁVERO, 1985, p. 19)

5. Contexto imediato: refere-se ao contexto imediato em que o texto é utilizado. (FÁVERO, 1985, p. 19)

Ainda de acordo com Fávero (1985, p. 20), a informatividade “exerce relevante papel na seleção e arranjo de alternativas no texto, constituindo-se, assim, num importante controle na limitação e motivação do uso dessas alternativas”. Também, que “seleção e arranjo das alternativas no texto estão na dependência direta dos objetivos do emissor, que vai, assim, utilizar determinados elementos linguísticos para orientar o receptor num determinado sentido”. (FÁVERO, 1985, p. 20)

Sobre a intencionalidade, ressaltamos que ela trata dos modos como os textos são construídos por seus autores, com o objetivo que tem em mente numa situação comunicativa para fazer agir suas intenções nas pessoas quando forem entregues para leituras ou publicados futuramente. É importante lembrar que o êxito das intenções do autor deitadas nos textos depende também da aceitabilidade do leitor, como indica Beaugrande (1997).

Nas palavras de Fávero (1986, p. 32), “a intencionalidade é a intenção do locutor de produzir uma manifestação linguística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize em sua totalidade, especialmente na conversação usual”. Além disso,

é necessário a existência contratual mínima entre os interlocutores, a qual deve conter informação. Num processo de interação, cada interlocutor faz com que sua intervenção contenha somente a informação necessária, nem mais nem menos (quantidade), não seja falsa (qualidade), seja relevante (relação) e evite ambiguidade, a obscuridade, a prolixidade desnecessária e seja ordenada (modo). Desde que os participantes estejam de acordo com essas máximas e com o princípio de cooperação. (FÁVERO, 1986, p. 33)

Para Koch (2004, p. 42), “a intencionalidade reúne as mais variadas formas e maneiras utilizadas pelos autores nas realizações de seus textos para realizar e perseguir suas intenções comunicativas, utilizando os recursos linguísticos adequados e

apropriados para a realização dos objetivos estabelecidos”. Nas palavras de Marcuschi (2008, p. 126), “o critério da intencionalidade, centrado basicamente no produtor do texto, considera a intenção do autor como fator relevante para a textualização”. Contudo, ele adverte que “é difícil identificar a intencionalidade por que não se sabe ao certo o que observar. Também não se sabe se ela se deve ao autor ou ao leitor, pois ambos têm intenções”.

Análise do corpus

Para realizarmos nossa análise, selecionamos trechos de duas cartas escritas pelo padre José de Anchieta, “Carta do Irmão José de Anchieta aos Padres e Irmãos de Coimbra, Piratininga, 15 de agosto de 1554” e “Quadrimestre de maio a setembro, Dirigida por Anchieta a Santo Inácio de Loiola, Roma. São Paulo de Piratininga, 1º de setembro de 1554”.

TRECHOS PARA ANÁLISE:

EXEMPLO 1:

Grande creio que será o desejo que lá terão de saber a nosso respeito, porque se o medirmos pelo que nós aqui temos de saber dos de lá, não pode deixar de ser muito grande. Mas é necessário que tenhamos paciência, pois apenas de ano em ano parte um navio. Será isto ocasião de mais intimamente nos amarmos e nos unirmos espiritualmente (CARTA DO IRMÃO JOSÉ DE ANCHIETA AO PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA, Piratininga, 15 de agosto de 1554).

Nesse trecho, percebemos que o autor imagina que seja grande o desejo dos padres que estão em Portugal em saber a respeito dos padres que estão na missão jesuítica no Brasil, ou seja, José de Anchieta imagina que a intenção dos irmãos que estão em Portugal é saber sobre os irmãos que estão na missão. Sendo assim, o autor atenderá intencionalmente de forma coerente aos desejos dos destinatários. Para Fávero (1985, p. 32), “a intencionalidade, no sentido estrito, é a intenção do locutor de produzir uma manifestação linguística coesiva e coerente, ainda que nem sempre se realize em sua totalidade”.

No 2º trecho selecionado, constatamos que o autor transmite uma informação nova para seus leitores, sobre o índio carijó que foi até o local onde eles encontravam-se para que fossem até a aldeia para ensinar-lhes. A informatividade trata da distribuição

das informações no texto. Algumas informações são novas e outras são velhas. Ou seja, as informações dadas em um texto devem ser equilibradas. No caso do exemplo, a informação era nova, pois o próprio autor informa que “tem mais que notícias”, isto é, a notícia nova era esperada pelo destinatário, porém não conseguia prever o tipo de informação que estaria presente nas cartas, como demonstrado abaixo:

EXEMPLO 2:

E agora temos até mais que notícias, porque veio cá um principal destes índios que chamam carijós, que é senhor daquela terra, com muitos criados seus, e não veio senão a buscar-nos para que vamos a suas terras a ensiná-los (CARTA DO IRMÃO JOSÉ DE ANCHIETA AO PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA, Piratininga, 15 de agosto de 1554).

Segundo Marcuschi (2008, p. 132), “a informatividade trata do grau de expectativa ou falta de expectativa, de conhecimento ou desconhecimento e incerteza do texto oferecido. A informação é um tipo de conteúdo apresentado ao leitor/ouvinte, mas não é algo óbvio”.

No exemplo 3, destacamos os aspectos referentes à intencionalidade:

EXEMPLO 3:

Nosso senhor, por sua infinita misericórdia plante em toda a terra sua santa fé, libertando-a do grande cativo em que está do demônio, o que todos, caríssimos irmãos, devem pedir com muita instância a Nosso Senhor cada dia em suas orações, nelas se recordando de nós (CARTA DO IRMÃO JOSÉ DE ANCHIETA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA, Piratininga, 15 de agosto de 1554).

Podemos identificar qual é a intenção do autor e que ele quer que seja também dos demais membros da Companhia de Jesus, “libertar do cativo o povo habitante do Brasil do século XVI”. Para atingir seu objetivo, utiliza elementos linguísticos necessários para ter o objetivo alcançado, que é convencer seu leitor a fazer o que lhe é solicitado: “o que todos, caríssimos irmãos, devem pedir com muita instância a Nosso Senhor cada dia em suas orações”. De acordo com Fávero (1985, p. 32),

a intencionalidade abrange todas as maneiras como os interlocutores usam textos para perseguir ou realizar suas intenções. É claro que as intenções do locutor, ao produzir um enunciado, podem ser as mais variadas possíveis, porém todo falante, ao comunicar-se, tem certas intenções. (FÁVERO, 1985, p. 32)

EXEMPLO 4:

Mas, julgando que é pouco conhecido de V. R. Paternidade como vai cada uma das coisas que se fazem aqui onde estamos, e levados também pela carta de V. R. Paternidade, há pouco

recebida, procuraremos informá-lo de tudo aquilo que escreve ser-lhe necessário conhecer (QUADRIMESTRE DE MAIO A SETEMBRO, DIRIGIDA POR ANCHIETA A SANTO INÁCIO DE LOIOLA, ROMA. São Paulo de Piratininga, (1º de setembro de) 1554).

Nesse trecho, observamos que o autor deixa bem explícito que manterá Santo Inácio informado de tudo o que for realizado na missão jesuítica. Ou seja, todas as informações novas serão passadas ao destinatário, mas para que isso seja feito é óbvio que o autor fará uma contextualização, sendo necessário fazer uma mescla entre informações já velhas e novas para que haja uma progressão no texto. Para Koch (2004, p. 41) “o texto organiza-se pela combinação de dois movimentos, um de retroação, por meio da retomada de informação já citada que vai servir de ancoragem para o movimento de progressão do texto”.

EXEMPLO 5:

Residimos aqui ao presente oito da Companhia, aplicando-nos a doutrinar estas almas e pedindo à misericórdia de Deus Nosso Senhor que finalmente nos conceda acesso a outras mais gerações, para serem subjugados pela sua palavra (QUADRIMESTRE DE MAIO A SETEMBRO, DIRIGIDA POR ANCHIETA A SANTO INÁCIO DE LOIOLA, ROMA. São Paulo de Piratininga, (1º de setembro de) 1554).

Nesse trecho, o autor informa ao seu leitor sobre a quantidade de pessoas que residem no local em que ele próprio mora e fala também sobre a doutrina das almas existentes naquele lugar. A maneira como o autor redigiu o texto parece ser uma informação nova, não conhecida do destinatário “Residimos aqui ao presente oito da Companhia, aplicando-nos a doutrinar estas almas”. De acordo com Marcuschi (2008, p. 132), “a informatividade diz respeito ao grau de expectativa ou falta de expectativa, de conhecimento ou desconhecimento e mesmo incerteza do texto oferecido”.

No exemplo 6, a seguir, mais uma vez, percebemos que o autor informa ao destinatário da carta qual é a sua intenção “recolher frutos por meio dos padres presentes na missão”. O autor quer “recolher ubérrimos frutos por meio dos operários que o senhor mandará para esta vinha tão fecunda” e para alcançar seu objetivo espera ter suas solicitações atendidas, ou seja, que lhe sejam enviados mais padres para auxiliá-lo na conversão do povo gentio. Para Marcuschi (2008, p. 126), “o critério da intencionalidade, centrado basicamente no produtor do texto, considera a intenção do autor como fator relevante para a textualização”. Vale lembrar que, para Beaugrande

(1997, p. 20), “a intencionalidade depende de um modo geral da aceitabilidade por parte daquele a quem o texto se destina”.

EXEMPLO 6:

Esperamos com a graça e o fervor divino, que se hão de recolher ubérrimos frutos por meio dos operários que o senhor mandará para esta vinha tão fecunda (QUADRIMESTRE DE MAIO A SETEMBRO, DIRIGIDA POR ANCHIETA A SANTO INÁCIO DE LOIOLA, ROMA. São Paulo de Piratininga, (1º de setembro de) 1554).

O exemplo 7 traz, mais uma vez, o autor escrevendo sobre como adquirem o que é necessário para a sobrevivência dos padres na missão. Informa ao destinatário como são realizadas algumas tarefas, por assim dizer, domésticas, para a própria sobrevivência. No exemplo 8, novamente, o autor traz informações novas sobre os comportamentos do índio, dos filhos, vivendo sem leis, sem autoridade, sobre o laço e união de sangue. Dessa maneira, o destinatário amplia seu conhecimento sobre a nova terra, como se constata nos trechos abaixo:

EXEMPLO 7:

As coisas necessárias para a conservação de nossa vida adquirimo-las com o trabalho de nossas mãos, como o Apóstolo S. Paulo para não sermos pesados a nenhum destes. Devemo-las principalmente às mãos de um irmão nosso, ferreiro, ainda que nada peça, oferecem-lhe os índios, em paga das coisas que lhe faz, farinha e legumes e às vezes carne e peixe (QUADRIMESTRE DE MAIO A SETEMBRO, DIRIGIDA POR ANCHIETA A SANTO INÁCIO DE LOIOLA, ROMA. São Paulo de Piratininga, (1º de setembro de) 1554).

EXEMPLO 8:

Não estão sujeitos a nenhum rei ou chefe e só têm alguma estima aqueles que fizeram algum feito digno de homem forte. Por isso frequentemente, quando os julgamos ganhos, recalcitram, porque não há quem os obrigue pela força a obedecer; os filhos obedecem aos pais conforme lhes parece; por isso nenhum fruto, ou ao menos pequeníssimo, se pode colher deles, se não se juntar a força do braço secular, que os dorme e sujeite ao jugo da obediência. Vivendo sem leis nem autoridade, segue-se que não se podem conservar em paz e concórdia, de maneira que cada aldeia consta de só seis ou sete casas, nas quais, se não fosse o laço e união de sangue, não podiam permanecer juntos, mais comer-se-iam uns aos outros, como vemos que acontece em muitos outros lugares, onde eles não dominam essa paixão insaciável, nem sequer para se absterem de devorar abominavelmente os consanguíneos (QUADRIMESTRE DE MAIO A SETEMBRO, DIRIGIDA POR ANCHIETA A SANTO INÁCIO DE LOIOLA, ROMA. São Paulo de Piratininga, (1º de setembro de) 1554).

Para os exemplos 9 e 10, o autor novamente expõe, por escrito, a intenção de todos os que estão na missão, a chegada do P. Luis da Grã para trabalhar na missão. No trecho 10, percebemos a intenção do autor, solicitando que todos orem pelos padres que estão na missão jesuítica no Brasil no século XVI. Para que haja intencionalidade, é

necessário, de acordo com Fávero (1985, p. 33), “a existência de uma base contratual mínima entre os interlocutores, a qual deve conter os princípios que regulam qualquer transmissão verbal de informação”.

EXEMPLO 9:

Esperamos agora a chegada do P. Luis da Grã, para se deliberar com o seu conselho o que se há de afinal fazer e se se hão de mandar alguns dos irmãos para aquelas nações, no caso de os haver. Temos grande falta deles, por isso muita obrigação tem V. R. Paternidade de mandar operários para tão fecunda messe. Esperamos confiadamente que o faça, por que Deus, pelo cuidado que tem desta região, a entregou à particular administração de V. R. Paternidade (QUADRIMESTRE DE MAIO A SETEMBRO, DIRIGIDA POR ANCHIETA A SANTO INÁCIO DE LOIOLA, ROMA. São Paulo de Piratininga, (1º de setembro de) 1554).

EXEMPLO 10:

Resta que peçamos humildemente sermos encomendados, nós e estas almas, nas orações de V. R. Paternidade e de todos os nossos irmãos (QUADRIMESTRE DE MAIO A SETEMBRO, DIRIGIDA POR ANCHIETA A SANTO INÁCIO DE LOIOLA, ROMA. São Paulo de Piratininga, (1º de setembro de) 1554).

Considerações finais

O artigo teve por objetivo mostrar como se dá a informatividade e a intencionalidade nas Cartas Jesuíticas. Seleccionamos trechos de duas cartas escritas pelo padre José de Anchieta, “Carta do Irmão José de Anchieta aos Padres e Irmãos de Coimbra, Piratininga, 15 de agosto de 1554” e “Quadrimestre de maio a setembro, Dirigida por Anchieta a Santo Inácio de Loiola, Roma. São Paulo de Piratininga, (1º de setembro de) 1554”, a fim de aplicarmos a teoria abordada no presente artigo exemplificada com trechos das correspondências.

Para fundamentar a análise, elencamos os conceitos defendidos nos estudos sobre informatividade e intencionalidade desenvolvidos por Fávero (1985, 1986), Koch (2004) e Marcuschi (2008). Assim, pudemos observar, por meio da análise e do referencial conceitual utilizado, que a informatividade e a intencionalidade, ou seja, a quantidade de informações contidas nas cartas é muito grande, que em todas as cartas os autores acrescentavam informações novas e também é possível perceber a intenção do autor nas cartas, pois o objetivo primordial dos padres da companhia de Jesus é conseguir manter a continuidade da missão e para isso deveriam mostrar aos superiores que aquela missão estava progredindo, dando mais resultados positivos do que negativos.

Nesse sentido, obtivemos êxito ao mostrar que a intencionalidade ocorre nos textos escritos com o objetivo de, na maioria das vezes, convencer o leitor de algo, fazendo uso do léxico apropriado para produzir o efeito esperado. Isso pode ser corroborado ao citarmos Koch (2004): a intencionalidade reúne as mais variadas formas e maneiras utilizadas pelos autores nas realizações de seus textos para perseguir suas intenções comunicativas, utilizando os recursos linguísticos adequados e apropriados para a realização dos objetivos estabelecidos.

Relativamente à informatividade, citamos Marcuschi (2008, p. 132), “a informatividade diz respeito ao grau de expectativa ou falta de expectativa, de conhecimento ou desconhecimento e mesmo incerteza do texto oferecido. A informação é um tipo de conteúdo apresentado ao leitor/ouvinte, mas não é algo óbvio”, a fim de legitimar, em nossa análise, a tese de que a informatividade é algo complexo, vago e depende dos conhecimentos do leitor/destinatário.

Ao final, estamos certos de que a intencionalidade e a informatividade, princípios de textualidade, estão presentes nas cartas escritas pelos jesuítas no Brasil do século XVI como elementos que auxiliam no entendimento das situações vividas pelos padres e principalmente fundamentais para a continuidade da missão no país.

Referências

BEAUGRANDE, Robert de. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication and Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood, New Jersey, Ablex Publishing Corporation, 1997.

EISENBERG, José. *As Missões Jesuítas e o Pensamento Político Moderno: Encontros Culturais, Aventuras Teóricas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

FÁVERO, Leonor L. A Informatividade como elemento de textualidade. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, Vol. 18, p. 13-20, 1985.

FÁVERO, Leonor L. A intencionalidade e aceitabilidade como critérios de textualidade. In: FÁVERO, Leonor L.; PASCHOAL, Mara S. Z. *Linguística Textual – texto e leitura*. São Paulo, Série Cadernos PUC 22, EDUC, p. 31-37, 1986.

FÁVERO, Leonor L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

FÁVERO, Leonor L.; ANDRADE, Maria L. da C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. *Oralidade e escrita*. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

FÁVERO, Leonor L.; KOCH, Ingedore K. V. *Linguística Textual: introdução*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

HANSEN, João A. O nu e a luz: cartas dos primeiros jesuítas do Brasil – Nóbrega (1549-1558). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, Nº 38, págs. 87-119, 1995.

KOCH, Ingedore K. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEITE, Serafim. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Vol. 01, 1954.

MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PÉCORRA, Alcir. A arte das Cartas Jesuíticas. *Máquina de Gêneros*. São Paulo, Edusp, 2001.

VAL, Maria da G. C. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VIOTTI, Hélio A. *Anchieta: O Apóstolo do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1966.

VIOTTI, Hélio A. *Cartas de Anchieta: correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

THE INFORMATIVITY AND INTENCIONALITY WITHIN JESUIT LETTERS

ABSTRACT

The article deals with informativity and intencionality, taking as orientation the questioning of the existence of these two principles of textuality within the jesuit letters. It aims to analyze the existence of evidences of informativity and intencionality within jesuit correspondences. The theoretical basis is sustained upon Fávero (1985) and Koch (2004). As methodological procedures, we analyze the corpus, selected from the letters of José de Anchieta, whose results show the elements and strategies of informativity and intencionality within the jesuit letters.

Keywords: *Informativity. Intencionality. Jesuit letters.*

Envio: Março/2017
Aceito para publicação: Maio/2017